

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MARIVANE SIMONETTI

**A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO IDOSO NA LITERATURA
INFANTOJUVENIL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO
2016

MARIVANE SIMONETTI

**A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO IDOSO NA LITERATURA
INFANTOJUVENIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), câmpus Pato Branco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês.

Orientador (a): Prof. Ma. Márcia Oberderfer Consoli

PATO BRANCO
2016



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Marivane SIMONETTI**

Título: **A constituição identitária do idoso na Literatura Infantojuvenil**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
25 / 11 / 16, pela comissão julgadora:

Prof.ª Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é o resultado apenas de uma longa pesquisa na área de Literatura Infantojuvenil, mas é também o resultado de um processo de quatro anos de estudos muito proveitosos e inspiradores.

Aproveito para agradecer a todos que uma forma ou outra me auxiliaram na minha caminhada pela Faculdade de Letras da UTFPR, câmpus Pato Branco. Aos meus amigos, familiares e colegas que me ajudaram a superar todos os desafios e surpresas, nem sempre agradáveis, que tive que enfrentar durante essa caminhada.

Dedico todo esse esforço a Deus que me abençoou com o privilégio de aprender. Dedico também à minha família, especialmente a meu pai do coração Mário e à minha Mãe Cecília que sempre me incentivaram a estudar e aproveitar as oportunidades que eles não tiveram.

Aos professores e a toda equipe da UTFPR, aqui em especial à minha orientadora Prof. Ma. Márcia Oberderfer Consoli, por todo conhecimento que me transmitiram nessa caminhada. Agradeço a paciência e confiança.

Art. 4.º Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma de lei.
(BRASIL, 2003, p. 9)

RESUMO

SIMONETTI, Marivane. A constituição identitária do idoso na Literatura Infantojuvenil. 2016. 47p. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Letras- Português- Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná -UTFPR- Câmpus Pato Branco- PR.

Este trabalho é o resultado da pesquisa sobre o tema Idoso na Literatura Infantojuvenil e a análise de três obras literárias infantis brasileiras contemporâneas: *O guarda chuva do vovô* (2008), *Vovô foi viajar* (1997) e *O Olho de vidro do meu avô* (2009). Estas obras foram analisadas visando identificar a imagem do idoso apresentadas por elas. Primeiramente, apresenta-se um histórico da Literatura Infantojuvenil e suas definições, em seguida são levantados dados sobre o tema idoso e sua importância dentro desta literatura, logo após estuda-se o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), -programa que distribuiu os livros analisados em escolas públicas de todo o país- e após são apresentadas as obras analisadas. A pesquisa constituiu-se por meio de um estudo bibliográfico, mediante coleta de dados em livros, revistas, artigos e publicações em meio eletrônico. O *Estatuto do idoso*, e os autores Nelly Novaes Coelho, Lígia Cademartori, Alex Confort, Monica Todaro foram as principais referências utilizadas para desenvolver esta pesquisa. Para a análise, foram usados aspectos como: personagens, enredo e temática. O estudo traz como resultado uma contribuição a respeito de como é constituída a identidade do Idoso nas obras de Literatura infantojuvenil. Dessa forma pôde-se inferir sobre a maneira como o idoso vem sendo tratado na Literatura Infantojuvenil e se essa maneira apresentada que está presente nos livros é a ideal.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil, Idoso, PNBE, avô.

ABSTRACT

SIMONETTI, Marivane. A constituição identitária do idoso na Literatura Infantojuvenil. 2016. 47p. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Letras- Português- Inglês). Universidade Tecnológica Federal do Paraná -UTFPR- Câmpus Pato Branco- PR.

This work is the result of a research with the topic Elderly in Children's Literature and the analysis of three contemporary Brazilian children's literary works: *O guarda chuva do vovô* (2008), *Vovô foi viajar* (1997) and *O Olho de vidro do meu avô* (2009). These works were analyzed to identify the image of the elderly showed by them. First, the history of Children's Literature and its definitions is presented, then data about the elderly theme and its importance within this literature is raised, in the sequence, the Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) is studied –this is a program that distributed the books analyzed in public schools across the country- and eventually the works analyzed are described. The research consisted of a bibliographic study, through the collection of data in books, magazines, articles and publications in electronic media. The *Estatuto do Idoso*, and the authors Nelly Novaes Coelho, Ligia Cademartori, Alex Confort and Monica Todaro were the main references used to develop this research. For the analysis were used aspects such as: characters, plot and theme. The study results in a contribution regarding how the identity of the Elderly is constituted in the works of Children's Literature. In this way it was possible to infer about the way the elderly have been treated in Children's Literature and if the way they are portrayed in the books is the ideal.

Keywords: Children's Literature, elderly, PNBE, grandfather.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 1- DADOS DO PNBE	28
FIGURA 2- CAPA DO LIVRO <i>O GUARDA-CHUVA DO VOVÔ</i>	31
FIGURA 3- CAPA DO LIVRO <i>VOVÔ FOI VIAJAR</i>	33
FIGURA 4- CAPA DO LIVRO <i>O OLHO DE VIDRO DO MEU AVÔ</i>	34
QUADRO1- QUADRO COMPARATIVO: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	41
QUADRO 2- QUADRO COMPARATIVO: REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DO IDOSO NO LIVROS ANALISADOS	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	LITERATURA INFANTOJUVENIL: O COMEÇO	12
2.1	BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL	12
2.1.1	As Fábulas.....	13
2.1.2	Os contos.....	14
2.2	A LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA.....	17
2.3	AFINAL: O QUE É LITERATURA INFANTOJUVENIL?	19
3	O IDOSO E A LITERATURA.....	21
4	O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE) E AS OBRAS SOBRE IDOSOS.....	27
4.1	O PNBE	27
4.2	AS OBRAS E OS AUTORES	30
4.2.1	<i>O guarda-chuva do vovô</i>	30
4.2.2	<i>Vovô foi viajar</i>	32
4.2.3	<i>O olho de vidro do meu avô</i>	33
5	A IDENTIDADE DO IDOSO NAS OBRAS INFANTOJUVENIS	36
5.1	O TEMA IDOSO E A LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	36
5.2	AS OBRAS	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre a Literatura infantojuvenil e a veiculação de histórias sobre avós parece uma tarefa fácil tendo em vista que este tema é comum à literatura destinada a crianças. Contudo, os estudos sobre a abordagem desse assunto ainda são pouco explorados, o que o torna um trabalho com poucos materiais teóricos e um vasto acervo com obras na Literatura Infantojuvenil sobre avós e idosos para ser explorado.

A Literatura Infantojuvenil é a porta de entrada para outras literaturas e por meio dela a criança aprende sobre o mundo a sua volta. Por isso, os temas da literatura devem ser muito bem escolhidos. Cabe destacar que, além de entretenimento, a Literatura transmite, por vezes, inconscientemente, mensagens que podem ser de reflexão sobre importantes questões humanas, transformando-se em importante objeto de investigação. Assim, a temática da constituição identitária do idoso na Literatura Infantojuvenil tem fundamental importância, pois é principalmente por intermédio dos livros que a criança lê que ela vai adquirindo consciência a respeito desse tema.

Para o presente trabalho foram selecionadas três obras da Literatura Infantojuvenil brasileira contemporânea que abordam o tema avós e possuem diferentes níveis de complexidade. As obras são, respectivamente, *O Olho de vidro do meu avô*, de Bartolomeu Campos Queirós; *O guarda-chuva do meu avô*, de Carolina Moreyra e *Vovô foi viajar*, de Maurício Veneza. Buscou-se, portanto, analisar a maneira como o tema idoso é inserido dentro do enfoque literário das obras escolhidas.

As obras foram lançadas respectivamente em: 2009, 2008 e 1997 e todas têm a classificação indicativa para acima de sete anos de idade. Essas obras fazem parte do acervo do programa PNBE (Programa Nacional da Biblioteca da Escola) de 2008 e 2010. Assim sendo, esses livros foram enviados a todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.

Ao analisar a personagem avô ou vovô, presente nas três obras, tentou-se traçar um perfil da identidade do idoso utilizando-se uma metodologia qualitativa de análise do conteúdo, observando a descrição das personagens e suas relações, analisando a simbologia, o contexto histórico, entre outros aspectos que se fazem presentes nas obras.

A Literatura Infantojuvenil possui um importante papel na vida das crianças que leem. A forma como é apresentada e os assuntos que ela trata vêm sendo muito discutidos na atualidade.

Para Marta Morais da Costa (2007) a Literatura Infantojuvenil busca combinar de forma harmoniosa a reprodução do real, a palavra e o estado de arte para levar ao pequeno leitor a entender a realidade por meio do prazer e da beleza da descoberta. Segundo ela o objetivo é “formar cidadãos críticos e leitores” (p. 10). Para isso, a Literatura Infantojuvenil deve essencialmente ter sintonia com o mundo, a sociedade e suas questões.

Nelly Novaes Coelho (2000, p. 24) aponta que a Literatura Infantojuvenil contemporânea deve traduzir entre outros os valores de: “Espírito solidário, que é a consciência de que o indivíduo é parte essencial do todo pelo qual cada um é visceralmente responsável.”. E lembra também que a literatura pode trazer: “Moral da responsabilidade do eu, que procura agir conscientemente em face da relatividade dos valores atuais e em relação ao direito do outro” (2000, p. 25).

Diante dessa realidade, as indagações que nortearam essa pesquisa foram: como as obras da Literatura Infantojuvenil escolhidas para análise constroem a identidade sociológica do sujeito idoso? Essa maneira é adequada e constitui uma visão do idoso particular e não estigmatizada? Se a Literatura Infantojuvenil tem o objetivo de formar um cidadão consciente e sem preconceitos, as obras infantis que as crianças estão lendo estão passando uma visão agradável e antipreconceituosa acerca dos idosos na nossa sociedade?

Assim sendo, o principal objetivo deste estudo foi analisar os aspectos temáticos e literários das três obras escolhidas com o *corpus* para a pesquisa, verificando a maneira como é constituída a identidade do idoso nas mesmas.

Primeiramente, foi feito um trabalho de contextualização da Literatura Infantojuvenil desde seu surgimento até os dias atuais. Para isso os autores: Nely Novaes Coelho (1985 e 2000), Mariza Lajolo e Regina Zilbermam (2010), Lígia Cadermatori (2010) e Marta Moraes da Costa (2007) foram de extrema importância. Em seguida, levantaram-se dados teóricos sobre o tema idoso e a importância de ser tratado na Literatura Infantojuvenil. Para tal, foram utilizadas as teorias e estudos de Leme (2013) e Alex Confort (1979).

Após a exposição, apresentam-se o programa PNBE, sua relevância, critérios de seleção das obras, bem como as três obras a serem analisadas; os guias de leitura disponibilizados pelo programa juntamente com o acervo que também foram utilizados para este estudo.

Por último, as obras escolhidas foram analisadas de acordo com a inserção do tema e do personagem idoso em cada uma delas. Os livros foram confrontados comparativamente para traçar as semelhanças e contrastes existentes entre eles.

O *Estatuto do Idoso* (2003) foi um documento importante, que norteou e complementou a presente pesquisa. Para a análise foram utilizados os elementos da narrativa ficcional, apresentados por D’Onofrio (2007) e os elementos da narrativa infantil relatados por Nelly Novaes Coelho (2000).

Cabe ressaltar a importância da abordagem temática sobre idoso nos livros infantis de forma a passar os valores e referências reais dessa idade para as crianças em vez de transmitir uma imagem estereotipada e preconceituosa da velhice. Por meio da presente pesquisa, buscou-se suscitar a importância da valorização do idoso, principalmente entre as crianças. Valorização essa que pode e deve ser trabalhada nas escolas de todo o país.

2 LITERATURA INFANTOJUVENIL: O COMEÇO

Crianças necessitam de histórias encantadoras, cheias de mistérios e surpresas de um mundo interessante que ao mesmo tempo divirta e ensine. É natural elas sentirem interesse pelo novo, pelo desconhecido. A Literatura Infantojuvenil deve explorar esse fato, pois assim consegue transmitir grandes ensinamentos. Para Basso (2001, p. 1): “É na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que temos uma das possibilidades de formarmos o leitor”.

Em seu livro *Metodologia do Ensino da Literatura Infantil* (2007), Marta Morais da Costa lembra que a Literatura Infantojuvenil, além de proporcionar o contato com a linguagem escrita, proporciona também o contato com formas de pensar e ver o mundo. Isso irá contribuir na formação de valores ideológicos da criança e ainda entender os padrões de comportamento da sua sociedade.

Neste capítulo é apresentada a evolução da Literatura Infantojuvenil desde seu princípio na Europa, sua chegada ao Brasil, as mudanças em seu conceito e as definições a ela dadas.

2.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL

A Literatura Infantojuvenil surgiu juntamente com a mudança no conceito de criança, ou seja, “[...] até o século XVII as crianças conviviam com os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado, ou uma visão especial da infância. Não se escrevia, portanto, para as crianças.” (SILVA, 2009, p. 136). Somente a partir do século XVIII é que ela passou a ser considerada um ser diferente do adulto, com suas próprias necessidades, passando a receber uma educação diferenciada e voltada a “preparação” do indivíduo de menor idade para a vida adulta.

Nelly Novaes Coelho em seu livro *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil* (1985, p. 3, grifo da autora) afirma: “Hoje mais do que nunca se faz urgente que as novas gerações tomem consciência da *tarefa* desempenhada pela literatura, ao longo do processo de evolução que vem sendo vivido pela Humanidade, desde as origens dos tempos”. É por isso que se faz importante compreender a história da Literatura Infantojuvenil desde sua origem

até os dias atuais, as transformações, as influências e a função que ela desempenhou em diferentes épocas.

2.1.1 As Fábulas

Os primeiros dados históricos das origens europeias segundo os principais estudiosos da Literatura Infantojuvenil datam do século VI a.C. com Esopo (620-560 a.C). Suas histórias moralizadoras ficaram conhecidas como fábulas por serem protagonizadas por animais. São lhe atribuídas mais de 300 histórias reunidas primeiramente por Demétrio de Falero, em 325 a. C. (COELHO, 1985).

Salienta-se aqui que essas histórias possuíam a finalidade de: “[...] transmitir uma mensagem para homens e mulheres adultos e não apenas para crianças infanto-juvenil (sic) como acontece modernamente” (CLARET, 2010, p. 12). A fábula era usada como símbolo de doutrinação budista, e Esopo teria sido um orador popular que usava suas histórias para convencer as pessoas a agir com o bom senso na defesa de seus interesses. (CLARET, 2010).

As histórias por trás do nascimento, vida e morte de Esopo são lendárias: ele teria sido vendido como escravo, depois teria sido conselheiro do rei da Lídia, Creso, que teria lhe contado histórias sobre animais das quais ele tirava uma lição de moral e as registrava. Essas histórias conquistaram o público da Grécia clássica por sua simplicidade e amenidade da narrativa. Esopo se lançou de um precipício sob a acusação de sacrilégio em Delfos. Entre os títulos que lhe atribuem estão “A raposa e o cacho de uvas”, “O cão convidado”, “o Leão e o rato reconhecido”. As fábulas dele inspiraram seus sucessores (CLARET, 2010).

No século XVII surge Jean La Fontaine (1621-1692) que deu forma à literatura ocidental resgatando as fábulas de Esopo, além de criar suas próprias. Segundo Coelho (1985, p. 62), os escritos de La Fontaine: “[...] são verdadeiros textos cifrados que denunciavam misérias, desequilíbrios ou injustiças de sua época”. Ele escrevia para adultos, mas suas fábulas se transformaram em leituras obrigatórias para crianças de todo o mundo. Suas obras são conhecidas até hoje, entre elas: “A Cigarra e a Formiga”, “O Rato e o Leão”, etc.

La Fontaine publicou *Fables choisies (Fábulas escolhidas)*, em 12 volumes entre 1668 e 1694. Contribuindo com o gênero fábula transformando-a em um pequeno teatro e dando a ela um tom de comédia, humorístico. No século XVIII, foi a vez dos seguidores de La

Fontaine como Jean Pierre de Florian, na França e Tomás de Iriarte, na Espanha (CLARET, 2010).

Em Portugal, Bocage escreveu fábulas originais, além de traduzir La Fontaine em versos. Na Inglaterra, a fábula ganhou a fisionomia de sátira política [...]. Na Alemanha, Gathold Ephraim reagiu contra o que julgava excessiva literalização dos imitadores de La Fontaine (CLARET, 2010, p.14).

Posteriormente a fábula foi usada como veículo de motejo por Cristian Gellert na Alemanha e também transformada em poesia pelo russo Ivan Krilov que a usava como protesto contra a rigidez das coerções do estado (CLARET, 2010). Em língua portuguesa poucas foram as práticas e uso desta modalidade literária e não há nomes de grandes fabulistas. “No Brasil as melhores realizações inspiraram-se no folclore e na literatura oral. Como exemplo, há as *Fábulas* de Luís de Vasconcelos, as *Fábulas e alegorias* de Catulo da Paixão Cearense e as *Fábulas brasileiras* de Antônio Sales.” (CLARET, 2010, p.15).

2.1.2 Os contos

Entre os séculos IX e X, em terras europeias, começa a circular oralmente uma literatura popular que, séculos mais tarde, iria transformar-se na literatura hoje conhecida como *folclórica* e também como *Literatura Infantil* (COELHO, 1985, p.19). Essa seção da literatura surgiu da tradição desses contos orais. Os primeiros escritos de que se há registro são do século XVII e XVIII, muitas dessas histórias vieram a ser consideradas como literatura voltada para crianças somente algum tempo depois.

Os contos orais dos quais surgiu a Literatura Infantojuvenil eram contados em reunião familiar em volta da lareira ao fim do dia. Sobre eles Lígia Cademartori (2010) fala que consistiam em um ritual vespertino porque as noites eram muito compridas e eram preenchidas com algo para transmitir consolo à vida dura e medíocre. Eram narrados à noitinha para que assim ficassem registrados no inconsciente infantil, pois era o último relato da noite. Os relatos eram fantasiosos para divertir os adultos e/ou assustar as crianças e eram histórias acumuladas ao longo de eras, transmitidas pela fala do contador e posteriormente por escrito.

O francês Charles Perrault (1628-1703), durante o século XVII, foi o primeiro a catalogar esses contos e lendas da Idade Média e transcrevê-los em forma de contos de fada¹. A forma dos contos que ele transcreveu como “A Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O gato de Botas”, entre outros, por fazerem tanto sucesso com as crianças tornaram-se paradigmas da Literatura Infantojuvenil que ali começou a surgir (CADEMARTORI, 2010).

Os contos de fada são uma representação dos confrontos entre personagens que atualizam ou reinterpretam questões universais “como os conflitos de poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia [...]” (KHÉDE, 1990, p. 16). Perrault utilizou confrontos entre o bem e o mal, o fraco e o forte como efeito de crítica à corte. Muitas vezes os personagens de classe discriminada tornam-se superiores à nobreza pela inteligência.

No fim do século XVIII e começo do século XIX foi a vez dos alemães Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), ou os irmãos Grimm, catalogarem outros contos populares e transcrevê-los, entre eles “João e Maria”, “Rapunzel”. Incluindo em seus escritos algumas novas versões de contos já catalogados por Perrault, entre eles “Chapeuzinho Vermelho”. Isso acabou por iniciar discussões sobre os contos possuírem uma origem indefinida, já estarem disseminados e ao longo das gerações terem sofrido alterações de acordo com o tempo e a cultura de quem os contava. Dessa forma, a Chapeuzinho Vermelho francesa não era a mesma da alemã e assim por diante. Os irmãos Grimm, instalaram em seus contos uma “marca” que diferencia seus escritos dos de Perrault, por exemplo.

Dos contos de Perrault para os contos de Grimm foram feitas adaptações que tornaram as histórias mais suaves e menos sangrentas. Na versão da “Chapeuzinho”, de Perrault, por exemplo, ela é devorada pelo lobo, enquanto que na dos irmãos Grimm ela é salva pelo lenhador. Essas diferenças incorporaram as mudanças sociais, culturais e de época entre os escritores.

No século XIX, surge Hans Christian Andersen (1805-1875), filho de sapateiro, que trouxe para seus contos as marcas da própria vivência e utilizou o maravilhoso com maior frequência. “Seus personagens revelam humor, indiferença pelos valores éticos e apresentam-se mais identificados com a ótica infantil animista. Em seus contos, plantas, brinquedos e

¹ Contos de fada: Inspirados pelos contos populares ou fábulas os contos de fada são uma curta narrativa onde os heróis precisam enfrentar grandes obstáculos antes de vencer o mal.

animais têm personalidade e perspectivas humanas.” (KHÉDE, 1990, p. 19). Seus contos mais conhecidos são *Soldadinho de Chumbo*, *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia*, etc.

Depois de Andersen, muitos outros autores surgiram e suas obras foram publicadas, consolidando assim a Literatura Infantojuvenil. Muitos nomes se destacam no histórico do século XIX, entre eles estão: Carlo Lorenzini (1826-1890), com *Aventuras de Pinocchio*, LewisCarrol (1832-1898), com *Alice no País das Maravilhas*, Mark Twain (1835-1910) com *As aventuras de Tom Sawyer*, James M. Barrie (1860-1937), com *Peter Pan*, entre outros (KHÉDE, 1990).

A Literatura Infantojuvenil depois dos primeiros lançamentos se desenvolveu muito rapidamente em toda a Europa e de lá para cá, na medida em que o mundo se transformava, também sofreu muitas alterações. Com o surgimento da Revolução Industrial, por exemplo, o conceito de família, de lar, e de trabalho mudou e a literatura incorporou esses novos conceitos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010). Portanto, desde o século XVII, com o surgimento da literatura específica para criança, ela vem assumindo muitas formas. Sobre esse assunto Coelho (2000, p. 27) destaca que:

Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores e desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou.

Inicialmente os clássicos como *Robinson Crusóé* ou *As viagens de Guliver*, entre outros não eram destinadas ao público infantil. Somente com transformações ao longo do tempo é que se tornaram leitura para crianças. Até mesmo os contos clássicos que vieram da tradição oral inicialmente não tinham um conteúdo adequado para as crianças. Somente depois com a transcrição dos contos orais para a escrita dos primeiros escritores é que foram considerados contos infantis. Nessas histórias já havia a “[...] intenção de passar *valores* ou *padrões* a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento.” (COELHO, 2000, p. 41).

2.2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

No Brasil a Literatura Infantojuvenil se manifestou somente muito tempo depois da europeia, quase no século XX. Em 1808, com a implantação da Imprensa Régia começou a publicação de livros para crianças, mas, eram principalmente traduções, ou Literatura Infantojuvenil portuguesa. As publicações de brasileiros para crianças foram pouco significativas até o começo do século XX, quando surgiram as primeiras publicações de Olavo Bilac (1865-1918) na poesia e Monteiro Lobato (1882-1948) na prosa, entre outros escritores. Estas histórias focavam nas belezas naturais do país e no folclore brasileiro (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

Coelho (1985, p.185) acredita que Monteiro Lobato tenha sido um “divisor de águas” que encontrou o “caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando”. O autor de *A menina do Narizinho Arrebitado* (1920) foi um leitor voraz e apaixonado de livros infantis e foi capaz de criar uma Literatura Infantojuvenil autenticamente brasileira. Fundindo o real e o maravilhoso em uma mesma realidade numa literatura ambientada no Brasil, Lobato conseguiu conquistar crianças e adultos, milhões de leitores não só do Brasil, mas também do exterior.

Lobato também teve grande importância por suas traduções. Obras como *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carol; *O Homem Invisível*, de H. G. Wells; *Pinóquio*, de Collodi; *As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain; *Tarzan*, de Edgard Rice Burroughs; entre outros livros que Lobato traduziu. Para a autora: “Através dele inúmeras obras importantes tornaram-se acessíveis aos leitores brasileiros” (COELHO, 1985, p. 189).

Depois do sucesso de Monteiro Lobato, com a nacionalização da Literatura Infantojuvenil, seguiram-se décadas de reformas na cultura e na educação brasileira. Ocorreram grandes mudanças sociais no Brasil, a industrialização, a urbanização. Além de mudar todo o sistema cultural e político brasileiro, isso interferiu na escolarização, pois cada vez mais a taxa de alfabetização crescia e isso significava que mais crianças precisavam de livros para ler (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010).

A Literatura Infantojuvenil brasileira começou a ser repensada na década de 1970. Foi a partir dessa época que surgiram as novas concepções que hoje a norteiam. Coelho afirma que esse foi “[...] um momento de transformações evidentes que atingiram, ao mesmo tempo, o âmbito da *criação literária* e o da *educação e ensino*.” (COELHO, 2000, p. 9, grifos da

autora). Vale ressaltar que foi a partir dos anos 1980 que a disciplina de Literatura Infantojuvenil passou a integrar os cursos de Letras no nível da graduação.

Entre os principais autores da Literatura Infantojuvenil brasileira que ganharam destaque com suas publicações na contemporaneidade estão Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Elias José, Eva Furnari, Maurício de Souza, Ruth Rocha, entre muitos outros.

Atualmente, a produção de livros para crianças tornou-se um dos “[...] segmentos economicamente mais relevantes da indústria editorial” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010, p. 9). E nesse contexto, uma onda de livros infantis surgiu no mercado.

Coelho (2000) lembra que a intenção da literatura na contemporaneidade é estimular a consciência crítica do leitor além de:

Levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ela deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (COELHO, 2000, p.151).

Para chegar a esse objetivo a Literatura Infantojuvenil atual do Brasil utiliza-se de certos recursos, entre eles a autora cita o uso da *efabulação*, ou seja, a história inicia de imediato com uma circunstância que leva diretamente ao problema principal; os autores se utilizam também de uma sequência narrativa que nem sempre é linear e a conclusão da história tende a propor problemas ou situações ao invés de oferecer respostas ou soluções. Outra característica é a substituição dos *personagens-tipo* (reis, rainhas, princesas, fadas, bruxas, funcionários, etc) por *individualidades* cada uma distinta da outra e que não assumem um papel de superioridade em relação às outras personagens. A forma narrativa tornou-se mais consciente do leitor, e o tempo e o espaço variam mais. Estão mais presentes nas narrativas o humor, o realismo e o espírito da nacionalidade e da exemplaridade (COELHO, 2000).

2.3 AFINAL: O Que é Literatura Infantojuvenil?

A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (CAGNETI, 1996 p.7).

Muitos autores entram na discussão do conceito que deve se dar à Literatura Infantojuvenil. Afinal o que é Literatura Infantojuvenil? O que a diferencia da literatura em geral? Cunha (2006), ao falar sobre o gênero, aponta que alguns teóricos se perguntam se a Literatura Infantojuvenil realmente existe.

Cademartori (2010) afirma que a Literatura Infantojuvenil no Brasil, principalmente nas últimas décadas, começou a deixar de ocupar seu lugar à margem da literatura. Ela cita ainda que a Literatura Infantojuvenil sempre veio acompanhada do vínculo com a educação, mas que devemos ter em mente que a educação não é o principal objetivo dela. A autora também alega que no sistema literário essa seção da literatura “é uma espécie de primo pobre” (p.13) e que desfruta de pouco prestígio chegando muitas vezes a não ser considerada parte integrante do sistema literário em geral.

Cunha (2006, p. 26) defende que o importante é “[...] definir pontos de contato de afastamento entre a literatura para crianças e a literatura para adultos.” Para ela se a literatura infantojuvenil não estiver vinculada ao fenômeno literário, ou seja, à arte, então não pode ser considerada literatura. Ela argumenta que nem sempre a Literatura Infantojuvenil precisa render tributo à pedagogia e que a puerilidade e o tom moralizados muitas vezes tornam a obra literária fraca. Além disso, afirma que é uma “traição” quando o autor “no plano educador, escolhe imprimir à criança o livro de intenções pedagógicas, e não o literário.” (p. 27).

Já Coelho (2000, p.46) acredita que a Literatura Infantojuvenil “[...] pertence simultaneamente a essas duas áreas distintas: a da arte e a da pedagogia.” Com isso, ela afirma que a Literatura Infantojuvenil é um objeto que “provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a Literatura Infantojuvenil é arte.” (2000, p.46).

Costa (2007) enfatiza que a Literatura Infantojuvenil é antes de qualquer coisa um importante objeto social. Para ela “são histórias ou poemas que ao longo dos séculos cativam

e seduzem as crianças.” (2007, p.16). A autora também defende que a literatura para crianças necessita relacionar-se diretamente com o imaginário, com a arte da palavra e com a estética.

O fato é que a Literatura Infantojuvenil não tem muito prestígio dentro da grande área da literatura em geral. Cademartori (2010) afirma:

Uma comprovação rápida de que a Literatura Infantil desfruta de pouco prestígio no sistema de onde é originária, o literário, pode ser extraída rapidamente das listas, indicações, sugestões, seleções de todos os tipos de obras literárias consideradas mais importantes ou representativas. A toda hora nos deparamos com elas. [...] pense quantas obras da literatura infantil você já viu nessas listas. [...] Costumam ser destacadas duas obras, e ambas de autoria de Lewis Carol: *Alice no país das Maravilhas* e *Alice no país dos espelhos*. Comum aos dois títulos é o fato de serem obras das quais se diz que “crianças também podem ler” embora guardem sentidos que os pequenos não alcançam e são apreensíveis e desfrutados apenas por leitores adultos (CADERMATORI, 2010, p.14).

Para Coelho (2000. p.164), a Literatura Infantojuvenil pertence “ao gênero ficção, o qual abrange toda e qualquer *prosa narrativa literária*, cujo objetivo maior é excitar o interesse do leitor pela pintura das paixões, costumes ou singularidades das aventuras.”. A autora continua afirmando que o que diferencia a Literatura Infantojuvenil da literatura em geral é o público a que é destinado, que são “seres em formação, seres que estão passando pelo processo de aprendizagem inicial da vida” (p.164), por isso que ela possui um caráter pedagógico inerente à sua matéria. Pode-se concluir, dessa forma, que:

A literatura infantil tem como parâmetro contos consagrados pela preferência de crianças de diferentes épocas que por terem vencido tantos testes de recepção fornecem aos pósteros referências a respeito da constituição tônica literária do texto infantil (CADEMARTORI, 2010, p.39).

A verdadeira Literatura Infantojuvenil que respeita seu público é aquela que, segundo Cademartori (2010), explora amplas possibilidades de atribuição de sentido ao texto. Ela também deve estimular a criança a viver uma aventura com a linguagem e seus efeitos, e o livro deve ser utilizado como um meio de transporte de diversas intenções cuja didática não deva se sobrepor ao literário.

A seguir traçar-se-ão as particularidades entre a velhice e como ela é geralmente abordada na Literatura Infantojuvenil. Serão detalhados os processos do envelhecimento, seu impacto social e a importância do tema estar presente de forma consciente nos livros para crianças.

3 O IDOSO E A LITERATURA

A velhice merece todo o nosso respeito. Por mais humildes que sejam, os idosos devem ser admirados e reverenciados por terem vivido tantos anos, por terem produzido tanto para a sociedade e por haverem concebido e criado os que hoje lhes são ingratos (CONFORT, 1979, p. 87).

No Brasil, as leis que garantem os direitos dos idosos estão reunidas no *Estatuto do Idoso*, lei federal n.º 10.741, promulgada em 1º de outubro de 2003. A página de apresentação deste documento destaca que, nos últimos anos, com o aumento da longevidade e a redução nas taxas de mortalidade, o Brasil mudou seu perfil demográfico, deixando de ser um “país de jovens”. O prefácio ainda diz que a estimativa para 2025 é de que o país tenha cerca de 32 milhões de idosos, ou seja, 14% da população total terão acima de 60 anos de idade (BRASIL, 2003).

Cabe ressaltar que o *Estatuto do Idoso* foi desenvolvido visando primeiramente voltar políticas públicas que promovam a saúde, a autonomia e o suporte social para os idosos. O primeiro documento no Brasil que assegurou os direitos das pessoas de mais idade data de 1994, editado somente cinco anos mais tarde, a chamada Política Nacional de Saúde do Idoso (PORTARIA, 1999). O atual foi aprovado no ano de 2013 e sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, depois de seis anos tramitando no Congresso Nacional. O documento estabelece os direitos dos idosos, prevê punições para os que os violarem, dando a eles a pretensão de uma melhor qualidade de vida.

O *Estatuto do Idoso*, entre outras atribuições prevê que:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003, p.8).

E ainda, no artigo 4º, parágrafo 1º: “É dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso.” (BRASIL, 2003, p.9). Um dos direitos assegurados pelo *Estatuto do Idoso* é o direito ao respeito. O parágrafo 2º, do artigo 10º, define o respeito como “inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças dos espaços e dos objetos pessoais.”

(BRASIL, 2003, p. 12). O parágrafo 4º do mesmo artigo continua ressaltando que é dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de tratamento desumano, violento, vexatório ou constrangedor. Por meio disso, é possível perceber que o preconceito contra o idoso é uma realidade na nossa sociedade. Por isso, é muito importante que esse tema seja abordado na literatura para conscientizar as crianças desde cedo dessa situação e assim formar uma sociedade mais acolhedora e que respeite mais os idosos.

Ecléa Bosi (2015) em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, traz uma explicação acerca do ingrato preconceito aos idosos:

Em nossa sociedade de classes, dilacerada até as raízes pelas mais cruéis contradições, a mulher, a criança e o velho são, por assim dizer, instâncias privilegiadas daquelas crueldades— traduções do dilaceramento e da culpa. Mas a mulher, a criança e o velho não são classes: são antes aspectos diversificados e embutidos por entre as classes sociais. Assim como não se pode falar, com propriedade, em classes de artistas ou de cientistas. Estes, como aqueles, pertencem a uma ou outra classe social que os configura e deles exige definições. (BARBOSA, apud BOSI, 2015, p.9).

Para explicar melhor como e por que acontece o preconceito contra ao idoso, Confort (1979) divide o envelhecimento em dois tipos: o primeiro é o biológico e o segundo é o “envelhecimento sociogênico”. O primeiro diz respeito às alterações físicas e as modificações provocadas pelo tempo no indivíduo, entre elas estão o acinzentar dos cabelos, o enrugar da pele, a perda da acuidade visual e auditiva, assim como a propensão maior a enfermidades e à fadiga. O segundo e o mais importante é o responsável pelo martírio do idoso. O envelhecimento sociogênico é a condição social do idoso imposta pela sociedade a ele. A aposentadoria, por exemplo, muitas vezes é uma condição em que o idoso se vê desempregado, inútil e, em alguns casos, na miséria. O autor vai ainda além e afirma: “Assim que é ultrapassado o limite de transição, e proporcionalidade à idade cronológica (os idosos) são rotulados de insensatos, imprestáveis, caducos e assexuados” (CONFORT, 1979, p. 10).

Não nascemos velhos. O preconceito é muito difícil de ser extinto, primeiramente porque as injúrias conjuradas pela maioria das pessoas aos idosos são repetidas tantas vezes que a vítima chega a acreditar nelas. Luiz Leme (2013) diz que muitas vezes o preconceito vem vestido de ironia quando se afirma “nem parece que tem essa idade!”, de ira automobilística: “Vai cuidar dos netos Dona Maria!” ou de falso protetor quando se fala, por exemplo: “Deixa que eu faço vovô, o senhor não tem mais idade pra isso!”. O autor indaga: “O que há de comum em todas estas manifestações? Em grande parte a atitude simplista de

imaginar que todos os idosos são iguais, sem qualquer diferença relativa à história de vida, saúde, cultura, etc.” (LEME, 2013, s/p).

Em segundo lugar os idosos são tachados como pessoas física e intelectualmente incapazes, lentos e intransigentes em suas atitudes, isso dificulta a tomada de atitudes deles para combater o preconceito que sofrem. Para Leme (2013) a diferença entre o jovem e o velho consiste que o velho viveu mais e, portanto tem mais opções, ou seja, uma carga biográfica maior, já o jovem não possui as limitações biológicas dos velhos tendo assim uma carga biológica maior.

Leme (2013) afirma ainda que o melhor combate ao preconceito é o respeito que se dá por intermédio do exercício da atenção e individualização no trato, ou seja, levar em conta a experiência de vida de cada pessoa idosa individualmente.

Não é à toa que o maior índice de depressão está em pessoas idosas, pois, do ponto de vista social, a saída do mundo de produção acarreta numa queda na autoestima gerada pela falta de expectativa no futuro. Afinal o que vem depois da aposentadoria? A morte seria a resposta para a maioria. Mas não sem antes passar por diversas doenças degenerativas. Além disso “Na velhice, o risco de contrair tal enfermidade (a depressão) é bem maior, pois com o decorrer dos anos a química do cérebro altera-se de modo a tornar a mente mais vulnerável a mudanças de estado de ânimo.” (CONFORT, 1979, p. 83). O mesmo autor também cita a viuvez, o desânimo, as doenças e o preconceito como motivos que tornam mais propício o aparecimento de depressão nos mais idosos.

Do ponto de vista social, a saída do mundo da produção e a entrada na aposentadoria carrega, juntamente com a queda na autoestima, uma real diminuição na capacidade de gerar recursos financeiros e, conseqüentemente, um menor poder de consumo. Ao mesmo tempo, o acúmulo de doenças orgânicas passa a exigir recursos cada vez maiores [...] Esta preocupação excessiva, pode parecer muitas vezes uma certa avareza, usura mesmo. A literatura criou inúmeros personagens mesquinhos, quase todos velhos: o avarento de Molière, Mr. Scrooge de Charles Dickens e até mesmo o tio Patinhas, de Walt Disney (LEME, 2013, s/ p).

Mônica de Ávila Todaro (2013, p. 21) afirma que os idosos poderão ter cada vez mais dificuldades e impedimentos devido à falta de “[...] implementação de políticas e práticas sociais que façam jus à contribuição dos idosos à sociedade, se as novas gerações não tiverem informações realistas, atitudes positivas e valores que contemplem a equidade e a dignidade humana, quando se trata dos mais velhos.” Ela afirma também que os estereótipos negativos

que são veiculados nos contos de fadas como por exemplo do velho ser feio e malvado (características presentes em personagens de gnomos e bruxas nos contos infantis) contribuem para formar uma criança com atitudes negativas em relação aos idosos.

As crenças, valores e preconceitos são socialmente aprendidos desde muito cedo por intermédio do sistema ideológico a que a criança é submetida na infância. A atitude dela vai refletir as orientações que recebe em relação ao objeto socialmente representado e essa atitude pode ser favorável, desfavorável ou neutra (TODARO, 2013).

De fato, depois de uma breve avaliação das principais personagens da Literatura Infantojuvenil que são idosos, verificar-se-á que eles trazem consigo a característica da avareza, da feiura, e da doença, também são muito estereotipados em bruxos (as), magos malvados, reis cruéis, etc.

Anne Caroline Ramos (2015) em seu artigo “Avós na literatura infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais”, diz que a Literatura Infantojuvenil utiliza-se de marcadores etários e geralmente não se refere à idade cronológica, mas com descrições e características dos avós percebe-se que eles estão geralmente em idade mais avançada. Os cabelos grisalhos, a pele enrugada, pálpebras caídas, o uso de óculos, dentaduras e bengalas são os principais aspectos que definem os idosos nos livros infantis.

Os avós são normalmente representados em espaços domésticos, quase sempre improfícuos, deitados no sofá, sentados na poltrona ou dormindo. As avós, por sua vez, gostam muito de cozinhar, fazem tricô, costuram, contam histórias para os netos e passam a imagem de uma avó e mulher ideal, que é sempre atenciosa, carinhosa e acolhedora. Essas imagens transmitidas não só pela Literatura Infantojuvenil, mas também por toda a Literatura em geral, pelo cinema, pelos meios de comunicação, levam à sociedade uma imagem negativa em relação ao idoso.

Ramos ressalta ainda que a expectativa maior de vida e a maior longevidade dos idosos fez que mudasse a configuração familiar, e desta forma avós e netos convivem por mais tempo. Muitas vezes os avós assumem uma parcela importante da educação e formação de seus netos, podendo interagir com eles desde a infância até a fase adulta (RAMOS, 2015).

A autora explica também que:

A maior expectativa de vida, a presença mais duradoura dos avós e bisavós no convívio familiar, a coexistência de múltiplas gerações e os novos papéis assumidos pelos idosos na família e na sociedade fizeram com que o tema do envelhecimento entrasse na agenda de diferentes campos (RAMOS, 2015, p.192).

A relação entre avós e netos constitui, portanto uma fase muito importante da formação da criança. Confort (1979) destaca:

[...] o relacionamento dos homens com seus avós ainda constitui uma fonte de troca de conhecimentos tão importante quanto a interação com os pais. Em todas as culturas o contato sadio entre neto e avô tende a mitigar os efeitos de uma convivência desgastante entre pais e filhos, situação particularmente desesperadora dentro do isolado universo de uma família pequena. [...] De modo geral, as crianças apreciam a companhia de seus avós, divertindo-se ao ouvi-los contar casos passados. (CONFORT, 1979, p. 116).

É significativo também que a criança tenha pensamentos e atitudes positivas em relação aos avós e a todo o público idoso porque é na convivência com eles que a criança é introduzida gradualmente no processo de envelhecimento e aprende o que significa nascer, crescer e tornar-se velho (RAMOS, 2015).

As recentes pesquisas sobre este tema relacionado à Literatura Infantojuvenil, segundo Todaro (2013, p. 28), revelam que é quase inexistente nos livros “[...] pelo menos, um personagem mais velho que seja ativo e importante para a história, através de retratos positivos e precisos das pessoas mais velhas, e também de livros que tratem diretamente de aspectos do envelhecimento, mesmo que não contenham personagens mais velhos.” E acrescenta, que os livros que trazem esse tipo de personagens retratam-no de forma estereotipada, como seres “inativos, passivos, confusos, doentes, frágeis e antiquados, mas também como sábios pacientes e tolerantes.” (p.31).

O avô é também representado figurativamente nas histórias infantis como um contador de histórias. É o caso, por exemplo, da Dona Benta, personagem de Monteiro Lobato. Dona Benta é uma senhora idosa que vive no Sítio do Picapau Amarelo e conta histórias para seus netos. De fato, no entorno de uma vida tão conturbada em que os pais não têm tempo para se dedicar aos filhos os avós são vistos como um refúgio para os netos saborearem e aprenderem histórias e memórias (FERNANDES, 2013).

A função do idoso para Bosi (2015) é recuperar o passado por meio da memória. Por isso, a arte de contar histórias está sempre presente na relação entre avós e netos. A recente

mudança na configuração familiar fez que avós e netos estreitassem a sua relação. Assim os netos nutrem cada vez mais um carinho por seus avós havendo uma troca mútua de cultura e aprendizado. Essa amizade é estreitada cada vez mais quando um avô ou avó conta uma história de seu passado para o neto (a).

O *Estatuto do Idoso* (2003) define idoso como qualquer pessoa com idade igual ou superior à sessenta anos, porém ser idoso é muito mais do que isso. O idoso enfrenta muitos problemas que vão desde o desgaste físico causado pela idade, o desgaste emocional por não conseguir ser tão produtivo quanto era quando jovem e além do mais precisa enfrentar o preconceito de uma sociedade que não valoriza as obras criadas e deixadas por ele. Mesmo assim, procuram, no aconchego de seu lar e no seio de suas famílias, passar a seus netos um pouco do conhecimento que acumularam e da sabedoria que conquistaram ao longo do tempo.

Devido à falta de atenção que a Literatura Infantojuvenil deu a essa parcela importante da população ela deve tratar o velho e/ou trazer personagens idosos para mostrar às crianças e adolescentes as diferenças na experiência de se viver a velhice levando em conta a heterogeneidade deste grupo etário no Brasil (TODARO, 2013). Ainda por cima “Acredita-se que uma prática educativa assim contextualizada signifique uma contribuição para as escolas brasileiras, conforme as exigências do *Estatuto do Idoso* [...]” (TODARO, 2013, p.34).

É visando incluir temas transversais, nesse caso o da velhice, nas obras da Literatura Infantojuvenil que este trabalho foi desenvolvido. Defende-se aqui o uso de personagens idosos que representem a maturidade, sabedoria e a história de vida de cada indivíduo; deixando de lado o preconceito; atitudes e características estereotipadas, mesquinhas, malvadas ou feias em relação ao público idoso, para que assim a criança desenvolva pensamentos e atitudes positivas para com esse público.

O próximo capítulo apresentará os livros, assim como os autores analisados no decorrer do estudo e também o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), responsável por selecionar e encaminhar livros às escolas públicas de todo o Brasil. As obras analisadas neste trabalho foram selecionadas pelo programa, estão em muitas escolas de todo o país, disponíveis para professores e alunos e trazem como temática a questão do idoso.

4 O PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA DA ESCOLA (PNBE) E AS OBRAS SOBRE IDOSOS

Neste capítulo buscou-se conhecer mais sobre o PNBE e, principalmente, os critérios que o programa usa para selecionar as obras que são distribuídas nas escolas públicas do Brasil. Também foram explicitados os objetivos e a importância do programa para a educação do país. Finalmente serão apresentadas as três obras selecionadas para serem analisadas neste estudo.

4.1 O PNBE

O PNBE é um programa do Ministério de Educação e Cultura (MEC) vinculado ao FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), que distribui obras de literatura nas escolas públicas cadastradas no Censo Escolar. Seu objetivo é: “[...] proporcionar aos alunos da rede pública o acesso a bens culturais que circulam socialmente, de forma a contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos leitores, favorecendo, assim, a inserção desses alunos na cultura letrada” (s/ p). As obras vêm junto com um guia que orienta o professor a como mediar à leitura desses livros com seus alunos (APRESENTAÇÃO, 2012).

Os livros enviados às escolas estão divididos em quatro categorias: para creches, para pré-escola, para anos iniciais do Ensino Fundamental e para Educação de Jovens e Adultos. Para cada categoria é escolhido um acervo que contém 100 livros (exceto para Educação de Jovens e Adultos cujo acervo contém 50 livros) e enviado às escolas nos anos pares (nos anos ímpares são enviados livros às instituições que oferecem ensino dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio) (APRESENTAÇÃO, 2012). Dentro do acervo do programa para anos iniciais do Ensino Fundamental é que se encontram os livros: *O olho de vidro do meu avô* (do PNBE de 2010), *Vovô foi viajar* (do PNBE de 2008) e *O guarda-chuva do vovô* (do PNBE de 2010). Essas são as obras que foram analisadas neste estudo.

O PNBE foi instituído em 1997 e o objetivo principal é dar acesso às obras de Literatura Infantojuvenil, nacionais e estrangeiras e a materiais de pesquisa a alunos e professores da rede de escolas públicas brasileiras. O investimento do governo neste programa em 2013 foi de R\$ 86.381.384,21. Esses dados, assim como o quadro a seguir, foram

retirados do Guia *PNBE na escola: Literatura fora da caixa* de 2014, elaborado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais e distribuída pela Secretaria de Educação Básica juntamente com as obras selecionadas às escolas públicas cadastradas no senso escolar.

PNBE – 2006 a 2013

DESTINATÁRIOS ATENDIDOS	
ALUNOS	21.120.092
ESCOLAS	123.775
OBRAS DISTRIBUÍDAS	
LIVROS	7.426.531
TOTAL INVESTIDO	
2006 a 2013	R\$ 473.638.642,13

Figura 1: Dados PNBE.

Fonte: PNBE na escola. 2014. p.11

Esse quadro apresenta o total de investimento no programa entre 2006 e 2013, o número de obras distribuídas e também os alunos e escolas contemplados pelo programa.

Para a seleção dos livros a serem distribuídos nas escolas as editoras inscrevem seus livros para serem avaliados. Segundo dados do programa, a maioria das obras infantis cadastradas é para os anos iniciais do Ensino Fundamental (foram 55% em 2014). Dos livros inscritos para os anos iniciais do Ensino Fundamental mais de 70% são textos em prosa. Os livros selecionados para este estudo estão dentro destes índices por serem obras destinadas aos anos iniciais do Ensino Fundamental e estarem apresentados na forma de texto em prosa (PNBE, 2014).

Sobre a predominância de textos em prosa o guia do PNBE ressalta: “é positiva: é fundamental que a criança na etapa em que está consolidando seu domínio e começando a se inserir, de forma sistemática, no mundo da escrita, vivencie com frequência e intensidade o texto em prosa [...]” (PNBE, 2014, p. 12).

Os livros inscritos e selecionados pelo PNBE, provém de diferentes partes do Brasil e do mundo, são escritos em prosa, poesia, quadrinhos ou simplesmente imagens. São também

de diferentes complexidades, diferentes temas, entre outros. Tudo isso para proporcionar a diversidade linguística e cultural para as crianças:

Esses livros falam de diferentes coisas, têm tamanhos diferentes, são escritos em diferentes estilos. Uns têm séculos de idade, outros foram publicados recentemente. A maior parte é brasileira, mas alguns provêm de diferentes partes do mundo. Em suas centenas de páginas, delinea-se uma amostra bem ampla do que hoje há de melhor para leitura: no acervo encontram-se biografias, livros de poema, clássicos, lendas, histórias para rir e histórias para chorar, para brincar e para aprender. São histórias dos muitos brasis que vivem no Brasil: histórias de índio e de caipira, de branco e de negro, de bicho e de planta; histórias de pai, de mãe, de pai novo e de mãe nova, de avô e de avó, e até de bisavó; histórias de letras e de números, de reis e de fadas, de meninas e de meninos, de professores e de alunos. Enfim, há de tudo (PNBE, 2014, p.18).

As obras inscritas no programa foram analisadas por uma equipe que julgou a qualidade textual, a qualidade temática assim como a qualidade gráfica dos livros e selecionou os melhores para serem enviados às escolas. Quanto aos critérios de seleção, no que diz respeito à qualidade textual foram analisados: “[...] os aspectos éticos, estéticos e literários, na estruturação narrativa, poética ou imagética, numa escolha vocabular que não só respeite, mas também amplie o repertório linguístico de crianças na faixa etária correspondente.” (PNBE, 2014, p. 12).

Quanto à qualidade temática, buscou-se analisar se o tema escolhido se adequava ao interesse das crianças, aos diferentes contextos sociais e culturais e ao nível de conhecimento que possuem. A qualidade gráfica deveria ser capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor com o livro. Os critérios ainda levaram em conta os diferentes níveis de dificuldade, de modo que atendessem a crianças em diferentes níveis de compreensão e uso das funções da escrita, entre outros aspectos. (PNBE, 2014). Em resumo:

As obras selecionadas, além de diversificadas do ponto de vista temático, dos gêneros e formatos, também diferem do ponto de vista do grau de complexidade. Portanto, os acervos são compostos por obras que estimulam a leitura autônoma por parte de crianças, jovens e adultos em processo de alfabetização ou propiciam a professores e alunos, alternativas interessantes de leitura compartilhada. (PNBE, 2014, p.8)

Por leitores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, compreendem-se alunos de 6 a 10 anos que apesar de já lerem sozinhos necessitam de orientação dos que se encarregam pela sua formação como leitores, sendo eles: familiares e professores.

4.2 AS OBRAS E OS AUTORES

Os temas mais frequentes das obras selecionadas pelo PNBE priorizam a cultura e a identidade nacional em suas mais diversas vertentes. E além da necessidade de compor acervos com diferentes níveis de dificuldade, são escolhidos textos que sejam propícios para ampliar o repertório linguístico dos leitores.

Os livros com o tema avós estão se tornando um pouco mais frequentes na Literatura Infantojuvenil primeiramente porque essa é uma relação essencial na infância e está sendo mais comum nos dias atuais. E também porque esse é um tema de inclusão que indiretamente é privilegiado na escolha do autor por ser de aspecto mais comerciável (FERNANDES; CORDEIRO, 2012).

As obras foram escolhidas por terem o tema “vovô” em comum. A escolha aconteceu levando em consideração os títulos, sendo assim, o conteúdo presente dentro das obras não foi utilizado como critério de seleção ou exclusão delas. Elas possuem estrutura e complexidade linguística diferente, porém, são indicadas para a mesma faixa etária: acima de sete anos. A respeito da indicação de faixa etária o Guia do PNBE ressalta: “São tênues as separações por segmento, faixa etária, ou qualquer outro tipo de categorização e que, o mais importante é a literatura de qualidade estar disponível.” (PNBE, 2014, p.10).

4.2.1 *O guarda-chuva do vovô*

O guarda-chuva do vovô foi escrito por Carolina Moreyra, autora formada em Cinema pela London Film School da Inglaterra. Esse é seu primeiro livro para crianças (MOREYRA, 2008). O livro foi lançado em 2008 e em 2009 ganhou o prêmio FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) de melhor livro do ano para crianças e o de escritor revelação. Além disso, ele ganhou o selo White Raven da Biblioteca de Munique (CAROLINA, 2015). As ilustrações são de Odilon Moraes.

No que tange as ilustrações, é possível notar que capa do livro é escura. O fundo é preto e o título da obra está em azul. Apesar de as ilustrações dentro do livro serem coloridas, a capa é sombria, denotando que o conteúdo do livro não seria muito alegre ou extrovertido.

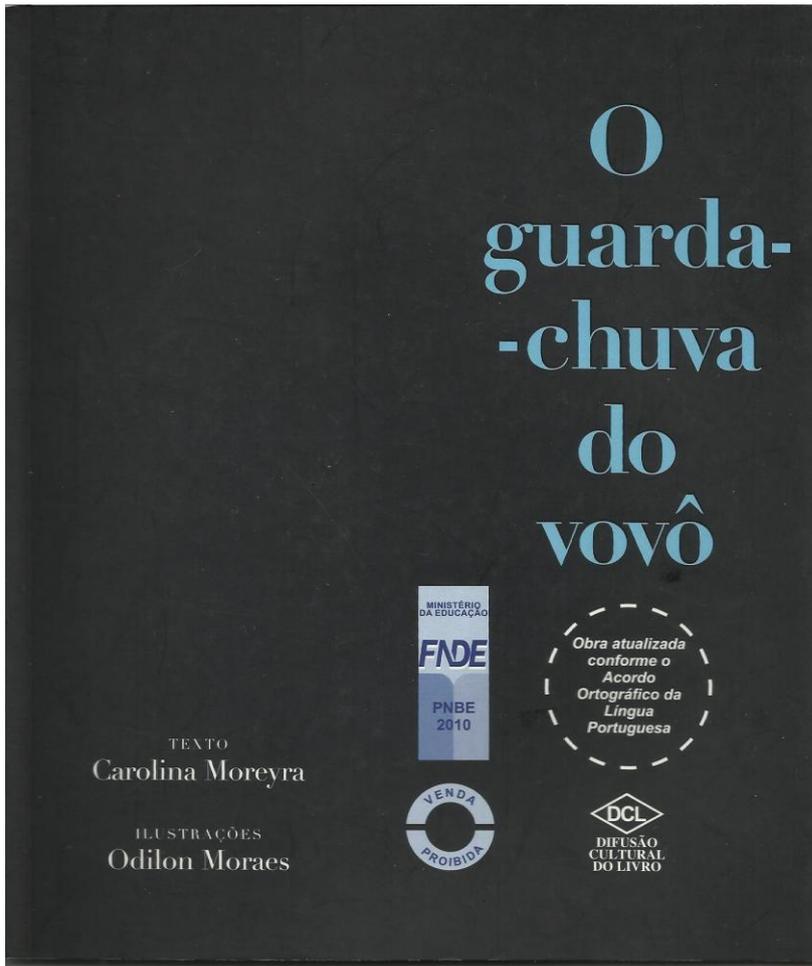


Figura 2: Capa do livro *O guarda-chuva do vovô*
 Fonte: MOREYRA (2008).

Este livro é, entre os três livros escolhidos, o que possui a estrutura mais simples. Possui 35 páginas e, em cada uma delas, há apenas uma frase curta escrita. A narrativa se constrói através dessas curtas frases, algumas vezes se repetem formando uma história melódica e por vezes poética.

O guarda-chuva do vovô é narrado por uma criança que conta sobre as visitas que fazia a casa do vovô e da vovó que moravam longe. Ela conta que o vovô não saía do quarto nem nunca abria a janela, não gostava que a neta fizesse barulho ou que brincasse com seu guarda-chuva. Um dia, o vovô ficou doente e na próxima vez que a menina foi visitar seus avós, o avô não estava. Então ela pode brincar, correr e até pegar seu guarda-chuva, a janela do quarto se abriu, mas era a vovó pedindo para ela entrar. A criança percebe então que o vovô não voltaria e que agora a casa era só da vovó. Ao final a personagem faz uma reflexão sobre a chuva e o guarda-chuva do vovô que agora era seu: “Quando chove as janelas ficam todas fechadas, os jardins ficam molhados e não podemos brincar lá fora. Muita gente não

gosta quando chove... mas eu fico feliz, porque sei que o vovô também está.” (MOREYRA, 2008, sem p.).

Este livro retrata uma bela história que une texto e ilustrações formando uma obra de Literatura Infantojuvenil criativa e inovadora. O autor, durante sua faculdade na London Film School aprendeu a contar histórias unindo palavras e imagens. “Percebeu que os livros podem ser bem parecidos com o cinema e vem se interessando cada vez mais por eles.” (MOREYRA, 2008, s/p).

4.2.2 *Vovô foi viajar*

Este livro escrito e ilustrado por Maurício Veneza foi publicado primeiramente em 1997. Caracteriza-se por ser um livro simples, cujo narrador também é uma criança. Possui 23 páginas e um texto razoavelmente longo, porém fácil de ser entendido (VENEZA, 1999). Maurício Veneza, como ilustrador, já ultrapassou a marca de 100 livros para crianças.

Neste livro, uma menina questiona seus pais sobre onde seu avô estava que não vinha mais visitá-la. A resposta é que ele tinha ido viajar. Ao longo da história, as respostas recebidas pareciam contraditórias, enquanto a menina relembra as coisas que seu avô dizia e fazia. No desfecho, ela tão confusa com as várias respostas que tinha recebido, vai explicar para sua família que seu avô tinha morrido (VENEZA, 1999).

Quanto à capa deste livro, diferente da do anterior, é alegre e colorida. O fundo é azul e há a imagem de uma menina pensando. Acima dela há um círculo com nuvens, um avião, um balão, um helicóptero, um jato e o título da obra em vermelho. Apesar de o livro falar sobre a morte do avô, o tom usado para descrever isso é leve, quase humorístico, justificando dessa maneira o fato de ser uma capa mais alegre.



Figura 3: Capa do livro *Vovô foi viajar*.
Fonte: VENEZA (1999).

Veneza mora e trabalha em Niterói no Rio de Janeiro. A história *Vovô foi Viajar* conta de maneira sensível e inteligente como é perder alguém especial. Além de escritor e ilustrador, Veneza já fez várias histórias em quadrinhos e é colaborador da revista *Ciência hoje das crianças*. Fez também ilustrações para livros como *Contos africanos para crianças brasileiras*. Ademais, foi um dos fundadores da AEILI (Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil) (PAULINAS, s/d).

4.2.3 O olho de Vidro do meu avô

O olho de vidro do meu avô é um livro de Bartolomeu Campos De Queirós. Escritor falecido em 2012, foi autor de muitos livros para crianças e recebeu os prêmios mais importantes no Brasil pelo seu trabalho (BARTOLOMEU, 2012). O livro *O olho de Vidro do meu avô* é indicado para crianças de 7 a 14 anos, tem 48 páginas e não possui ilustrações. A

obra possui uma estrutura um pouco mais complexa. A história é construída por memórias e mistérios de um avô que tinha um olho de vidro (QUEIRÓS, 2009). As obras de Bartolomeu Campos de Queirós são conhecidas por interrogar a vida, passagem do tempo e os enigmas da existência.

No que diz respeito à capa deste livro, foi constituída por uma figura distante de um idoso de costas e sombreado e ao seu lado um olho de vidro gigante. A cor predominante é a cinza. Novamente então, é uma capa sombria e sem cores chamativas.

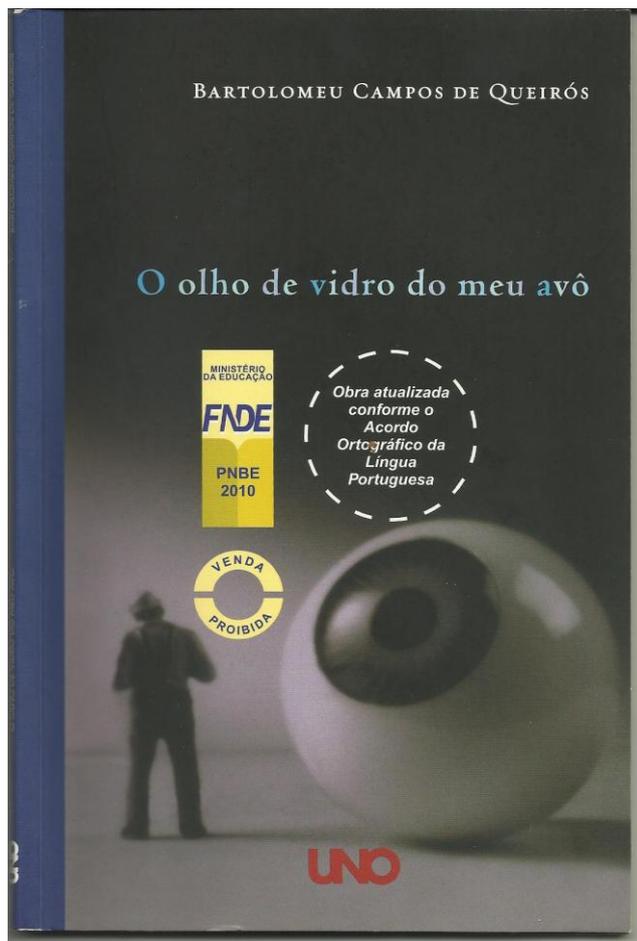


Figura 4: Capa do Livro *O olho de vidro do meu avô*.
Fonte: QUEIRÓS (2009).

Esse livro tem cunho autobiográfico. Segundo o autor, ele rememora sua infância na criação deste livro, tendo para ele um valor emocional (QUEIRÓS, 2009).

O autor recebeu vários prêmios ao longo de sua carreira. Entre eles estão o Selo de ouro da Fundação Nacional do Livro infantil e juvenil, Prêmio Bienal Internacional de São Paulo, Prêmio Jabuti, entre muitos outros (QUEIRÓS, 2009).

Em suma, as três obras contemporâneas pertencem a autores premiados e foram escolhidas pelo PNBE para estarem presente em todas as escolas públicas do país (cadastradas no Censo escolar) que oferecem os anos iniciais do Ensino Fundamental, portanto, a princípio, podem ser consideradas boas leituras para qualquer criança.

Ressaltando a importância do PNBE para a educação brasileira, Fernandes e Cordeiro afirmam que tal ação é um: “[...] exemplo de iniciativa governamental que visa diminuir a barreira entre aluno e livro apoiando o educando no exercício da reflexão, criatividade e crítica.” (2012, p. 319).

Na sequência do trabalho, serão analisadas as características linguísticas, gráficas e o tema das obras aqui apresentadas visando perceber a maneira que o tema idoso é apresentado e incorporado nas narrativas.

5 A IDENTIDADE DO IDOSO NAS OBRAS INFANTOJUVENIS

Este capítulo está dividido na retomada dos preceitos do tema idoso na Literatura Infantojuvenil, já abordados no segundo capítulo, em seguida é apresentada a análise das obras confrontadas de acordo com os propósitos deste estudo.

5.1 O TEMA IDOSO E A LITERATURA INFANTOJUVENIL

O tema do envelhecimento não é atual, pelo contrário, muitos filósofos e literatos, desde a Grécia antiga, estudam a velhice engrandecendo-a ou a ridicularizando-a. No padrão europeu de envelhecimento, que foi convencionado, garante-se que a sociedade irá favorecer uma velhice tranquila e confortável aos idosos. Por isso, formou-se uma boa imagem da velhice em muitos aspectos, como sendo ela uma fase da vida em que não há preocupações, necessidades ou preconceito (FERNANDES, 2012).

Maria de Lourdes Nosella em seu livro *As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos* (1979, p. 55) declara que “Os avós, nos textos de leitura, são apresentados como pessoas independentes economicamente da família, tendo uma vida tranquila, sempre servidos por empregada numa chácara ou sítio, onde vivem sossegadamente esperando pelos netos [...]”. Ela afirma ainda que geralmente esses idosos não possuem os problemas próprios da velhice como doenças, solidão, dependência afetiva e financeira, etc. Um grande exemplo disso é a Dona Benta, personagem principal do *Sítio Do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Ela é uma avó, dona de uma chácara, que não depende financeiramente da família, que possui uma empregada para lhe fazer todos os serviços. Sua ocupação é agradar os netos nas suas férias contando-lhes histórias de aventura.

Nosella (1979), conclui dizendo que esses textos possuem uma visão “[...] padronizada e estática da família” (p.58). Ela também afirma que as famílias nesses textos não estão representadas dentro de uma sociedade. Não se pode esperar, portanto, desses textos que a família seja apresentada como “instrumento de renovação da sociedade em geral” (p.58). Nesses escritos, considerados pela autora como “belas mentiras”:

A família nasce, cresce, morre em si mesma. É um lugar de paz segurança e felicidade para seus membros, onde não há nem conflitos pessoais e, menos ainda, reflexos dos conflitos socioeconômicos e políticos existentes na sociedade capitalista. A família dos textos de leitura é completa, fechada, autossuficiente, como um mundo existente à parte, em si e para si. (NOSELLA, 1979, p.58-59).

O capítulo V do *Estatuto do Idoso* (BRASIL, 2003), que garante os direitos relativos à educação, cultura, esporte e lazer aos idosos, especifica no artigo 22 que: “Nos currículos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.” (p.17-18). Esse artigo busca garantir que crianças e adolescentes de todo o país conheçam mais sobre os idosos a fim de respeitar e preservar a imagem das pessoas idosas.

Outra questão muito importante é a qualidade da Literatura Infantojuvenil, a forma que ela deve ter e os assuntos que ela deve abordar. Coelho (2000, p.19, grifos da autora) cita que é importante que a Literatura Infantojuvenil traduza a realidade social e semeie valores para formar uma nova mentalidade. “Referimo-nos aos chamados “valores tradicionais” e aos “valores novos”. Uns e outros determinam a *temática* e as *peculiaridades formais* que diferenciam a literatura de ontem e hoje.” Ela ainda define que os novos valores traduzem um espírito solidário, questionamento da autoridade, responsabilidade ética, antirracismo, etc.

É nesse contexto que entra o tema proposto para a abordagem do presente estudo. É notável dentro dessas novas temáticas que a Literatura Infantojuvenil vem adotando ultimamente, a utilização de temas como: a família, o negro, as pessoas com deficiências, a mulher da nova sociedade, a preservação da natureza, etc. Porém, a preocupação em trazer a questão dos idosos ainda não tem sido muito explorada.

5.2 AS OBRAS

Para melhor compor este trabalho a partir de agora sistematizar-se-á o uso de Livro 1 para *O guarda-chuva do vovô*, Livro 2 para *Vovô foi viajar* e Livro 3 para *O olho de vidro do meu avô*. Primeiramente, serão analisados os aspectos teórico/estruturais da narrativa, tais como: narrador, foco narrativo, capa, ilustrações, personagens, linguagem e aspectos da história ou enredo, e, em seguida, serão analisados os aspectos diretamente voltados para o tratamento da velhice dentro dos textos. A análise foi feita a partir de elementos da narrativa ficcional de D'Onofrio e dos elementos presentes na narrativa infantil, apresentados por Nelly Novaes Coelho.

No Livro 1, quem narra a história é uma garotinha, tratando-se portanto de um narrador-personagem. O narrador-personagem apresenta-se na história em 1º pessoa e “é por meio do ponto de vista da personagem narradora que conhecemos o que se passa no texto” (D'ONOFRIO, 2007, p.53). A menina rememora as visitas que fazia à casa de seus avós até

quando seu avô morre. As primeiras frases do texto são: "O vovô morava na casa da vovó. A casa da vovó ficava longe. Às vezes eu ia até lá fazer uma visita e matar a saudade. A vovó fazia bolo de chocolate para o lanche e então chamávamos o vovô. Mas ele nunca vinha." (s/p). Os personagens deste livro são neta, vovô, vovó e pai. Nenhum deles possui nomes.

Nesse livro, o texto e as ilustrações se complementam trazendo as lembranças de uma garotinha sobre seu avô. Na primeira página, a ilustração é um retrato da menina brincando em frente a uma casa. Na página seguinte, é como se ocorresse uma volta ao passado e a história entra no retrato em que são narradas as visitas da menina à casa de seus avós. Não há como precisar de que tempo a narradora está falando, ou seja, o quão distante está o tempo das memórias.

É interessante lembrar que cada frase está colocada em uma página com uma ilustração diferente e que as folhas não estão numeradas. Dessa forma, há uma leitura objetiva, de fluxo rápido e de fácil entendimento, ideal para crianças que estão começando a ler e se interessar por livros.

A combinação das ilustrações com o texto neste livro é muito interessante, pois o texto é como se fosse o pensamento da garotinha e as ilustrações são as lembranças. É o olhar da criança em uma história quase que trágica. Isso leva uma leveza e suavidade para tratar do tema.

Tudo que cerca o avô aparece para a menina de forma indireta e quase encoberta, como muitas vezes ocorre quando se trata de doença, envelhecimento e morte com as crianças. O livro mostra a beleza e simplicidade da memória das crianças. Vemos a relação da neta com seu avô e também suas descobertas. Seu avô é distante, não sai do quarto, não gosta de bolo e nem de barulho, mesmo assim sua presença é forte nas recordações da neta, ainda mais nos dias de chuva. As ilustrações de Odilon Moraes [...] mostram o contraste entre a compreensão das crianças e a dos adultos. Seus desenhos ligeiros a lápis, coloridos de forma leve com aquarela, lembram um pouco croquis de arquitetura. As imagens transmitem com perfeição a atmosfera um pouco melancólica, um pouco silenciosa, mas muito carregada de afeto, das memórias da menina (REVISTA, 2015, s/ p).

Este livro além de tratar da memória, dessa vez não do idoso, mas da neta em relação ao seu avô, trata das fases da vida, do envelhecimento, da morte, da exclusão desses assuntos para as crianças.

O Livro 2 também está narrado em primeira pessoa por um narrador-personagem. Novamente é uma neta que narra uma história relacionada com seu avô. O livro possui 23 páginas e poucas ilustrações. O enredo é um monólogo interior de uma menina. Considerando as ilustrações e sua intelectualidade presentes no texto, a menina é ainda muito pequena.

Na história, a neta inicia com a pergunta: "Mãe, por que o vovô não vem mais aqui em casa?" (VENEZA, 1999, p.5). A mãe responde para a filha: "O vovô foi fazer uma viagem

muito longa” (VENEZA, 1999, p.5). Então a menina começa a contar para os leitores sobre seu avô: “Meu avô é superlegal; Sempre que caminha pela praia, diz que está andando para não criar ferrugem; Os dois, meu pai e meu avô gostam de ver jogo de futebol na televisão” (VENEZA, 1999). A neta segue perguntando pelo avô para a tia e o pai. Cada um dá uma desculpa, até que uma prima da mãe diz: “Tadinha. O vovô foi pro céu...”. Após isso, a menina senta-se na rede, na varanda de casa e fica pensando: “Pelo menos me deixaram quieta no meu cantinho, eu e a saudade do meu avô” (VENEZA, 1999, p.21). No final, a menina toma coragem para explicar a todos que, na verdade, o avô tinha morrido.

O narrador em forma de monólogo interior da criança faz considerações e comentários de tudo o que acontece à menina. Apesar de o foco estar em descobrir para onde o vovô viajou, ela tece considerações sobre os tios, os primos e os amigos. Ao se perguntar se o vovô teria ido morar em outro país, lembrou-se do seu amigo que também tinha se mudado: “Mas o Rodrigo se despediu de mim, porque a gente era amigo.” (VENEZA, 1999, p.6), comenta a menina lamentando que seu avô tenha viajado sem ao menos se despedir dela. Nesse livro, a neta, o avô e os pais da menina não são nominados, porém personagens de segundo plano que a menina lembra casualmente e faz comentários ao longo da história, possuem nome. É o caso dos seus amigos Rodrigo, Mário e Mauro que foram colegas de escola da menina.

A inocência da menina ao refletir sobre as respostas que recebe dos adultos quando pergunta de seu avô é apresentada no livro trazendo-lhe uma leveza e um espírito quase que cômico. A neta, por exemplo, pergunta para a tia “de que” que o avô viajou e a tia: “Suspirou, tomou mais um pouco de café para não esfriar e começou a olhar pro teto. Olhei também, mas não tinha nada lá.” (VENEZA, 1999, p.9).

Já o Livro 3, que possui uma estrutura um pouco mais complexa, também descrita por um narrador-personagem, enquadra-se no que D’Onofrio (2007) chama de narrador-personagem secundário. Seria aquele que apesar de narrar a história é apenas a voz de acontecimentos protagonizados por outro personagem, neste caso o avô do menino. Nesse livro, são apresentados fragmentos de uma vida em Bom Destino “Cidade pequena e plana, cansada de tanta paz.” (QUEIRÓS, 2009, p. 25). Com um olhar poético o autor do livro dá a voz a um narrador que tem muitas memórias para serem lembradas e jamais esquecidas, principalmente sobre o avô Sebastião que “via a vida pela metade.” (QUEIRÓS, 2009, p.5). O avô tinha apenas um olho, o outro olho era de vidro comprado em São Paulo. Na trama, o neto tenta muitas vezes decifrar os mistérios que envolviam a vida de seu avô e seu olho de vidro. O neto nutre uma admiração cada vez mais profunda pelo seu avô que, apesar de olhar o mundo com um olho só, enxergava o que muitos não viam.

O autor utiliza uma linguagem poética, mas não fantasiosa, revelando o respeito pelo seu avô, ressaltando suas experiências de vida e o engrandecendo. São usadas muitas metáforas e analogias no texto o que amplia as possibilidades de interpretação e sentidos que podem ser dados à obra. Um exemplo das metáforas usadas no livro: “Palavra é como borboleta, bate as asas e voa. Palavra não nasce em árvore ela brota no coração.” (QUEIRÓS, 2009, p.35). As metáforas são usadas para descrever as coisas na casa de seu avô que de tanto estarem no mesmo lugar pareciam palavras ditas.

Os capítulos não possuem título e não são numerados. Não há uma ordem cronológica, há uma construção própria da memória em que não há sequência lógica apenas a retomada de fatos que vêm a tona quando lembrados no plano psicológico. Apesar de o narrador tentar contar tudo ao leitor ele deixa muitos espaços em branco para serem preenchidos de acordo com a interpretação. Trata-se de um livro aberto, mas ao mesmo tempo crítico, sua linguagem densa e poética torna o ritmo da leitura lenta para que as lacunas sejam preenchidas pelo leitor. Esse livro é indicado para crianças e adolescentes que já são leitores e conseguem entender a linguagem subjetiva.

Pode-se perceber também na narrativa um constante jogo sinestésico quando o menino relata que o silêncio “se misturava com o cheiro do alho”(QUEIRÓS, 2009, p.10), ou quando o aroma do café que sua avó fazia “tinha gosto dos sonhos” (QUEIRÓS, 2009, p.10) ou quando achava bonito “quando um olhar sorri.” (QUEIRÓS, 2009, p.15).

No Livro 3 a história termina no momento que o avô não volta de um de seus passeios vespertinos e deixa todo mundo preocupado, principalmente a avó, que com o desaparecimento do avô deixou de ter esperança para ter apenas dúvidas. Somente meses depois do desaparecimento encontraram seus ossos entre as árvores, longe da cidade, junto de seu olho de vidro que permanecia intacto e ficou como herança para o menino.

O livro é composto por um arranjo semântico requintado e, por meio dele, o leitor conhece a despedida, a mudança, o recomeço, a saudade, a alegria. Esse resgate de lembranças do passado exposto pelo menino propicia um aflorar das sensações vividas pelo leitor, fazendo com que identifique temas como a valorização da experiência, da pessoa mais velha, do ensinamento passado de pai para filho, da cultura, do respeito ao ser humano e da vida (FEEBA, s/d, p.7).

O idoso na Literatura Infantojuvenil tradicionalmente é caracterizado por seus aspectos físicos e biológicos: “avó grisalha, gordinha e mansa, sentada em uma cadeira de balanço, com óculos colocados sobre o nariz, ou do avô bondoso, mas impaciente, de hábitos rígidos, afastado do mundo do trabalho, muitas vezes de pijamas.” (TODARO, 2103 p. 25).

Apesar de essas serem realmente características específicas da velhice, muitas vezes elas não são suficientes para representar a velhice atual.

O quadro a seguir resume as características principais de cada livro:

	LIVRO 1 <i>O guarda-chuva do vovô</i>	LIVRO 2 <i>Vovô foi viajar</i>	LIVRO 3 <i>O olho de vidro do meu avô</i>
PERSONAGENS	Neta, avô, avó Não possuem nome	Neta, avô, pai, mãe, tios, amigos, primos Apenas os personagens de segundo plano possuem nomes	Neto, avô, avó, mãe, parentes. O avô possui nome
TEMPO	Representação do passado através de memórias da neta	Representação do passado através de monólogos internos da neta	Representação do passado através de lembranças do neto
ESPAÇO	Casa dos avós	Casa da neta, Cidade	Casa dos avós Cidade de Bom Sucesso
NARRADOR	Narrador-personagem/ neta criança Onisciente	Narrador-personagem/ criança Onisciente	Narrador-personagem secundário/ neto Onisciente
CAPAS	Sóbria, escura, duas cores	Alegre, colorida, a neta, meios de transporte	Sóbria, poucas cores, predominância do preto e do cinza. Avô, um olho gigante
ESTRUTURA	35 Páginas, uma frase curta por página	23 páginas, Texto longo	48 páginas, estrutura mais complexa
ILUSTRAÇÕES	Avós típicos, cabelos brancos, óculos, roupas antigas, cabelo preso em coque	Jornal, óculos, cabelo branco, não há ilustrações frontais do avô	Sem ilustrações no texto, somente capa, olho de vidro e avô
ENREDO	Traz a temática do envelhecimento e da morte	Traz a temática da morte como uma viagem, família	Traz a temática da infância, família, aprendizado, respeito pelo avô, morte

Quadro 1: Quadro comparativo: principais características.

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Nos livros escolhidos, os aspectos biológicos apresentados são características naturais de um envelhecimento doente, assim como de um envelhecimento saudável. Tanto no Livro 1, quanto no Livro 2 não há nenhuma citação no texto da aparência física dos avós, deixando essa questão para as ilustrações. As ilustrações do Livro 1, feitas por Odilon Moraes revelam avós típicos: cabelos totalmente brancos, óculos curvados, com roupas antigas, a avó com o cabelo preso em um coque. No Livro 2, as ilustrações criadas pelo próprio autor Maurício Veneza não apresentam um desenho específico do avô, porém vemos jornal e óculos em uma das ilustrações traduzindo que eram objetos diretamente relacionados ao avô. Um dos motivos de não haver nesta obra ilustrações do avô é a forma que o livro é construído como um monólogo interior da criança e suas percepções. Já o Livro 3, não possui ilustrações, há apenas a descrição de que o avô não tinha o olho esquerdo. Por se tratar mais de uma prosa com cunho poético não há descrições da aparência física do avô. O texto usa elementos metafóricos para descrever memórias e aprendizados que o neto teve com o avô. “Ele recostava na cadeira de balanço e se embalava de mansinho como se o mundo vivesse no seu colo”(p. 10). Ou ainda, “Ele hospedava essa visita sem espanto. Saboreava o mundo com antiga fome.” (p.6).

Com relação à temática de doenças e morte, no Livro 1 O avô fica doente: “Um dia achei o vovô diferente. Perguntei pro meu pai se ele estava encolhendo.”(MOREYRA, 2008, sem p.). A ilustração mostra o avô na cama, o pai sentado à cabeceira e a menina curiosa na porta. Neste livro as recordações que a neta tem do avô são um pouco misteriosas. O avô sempre está no quarto, não abre a janela, não gosta de barulho e, sobretudo não quer que a neta brinque com seu guarda-chuva: “O vovô não gostava quando eu corria no jardim ou fazia barulho debaixo da janela dele. E também não gostava quando eu brincava com seu guarda-chuva”(MOREYRA, 2008, s/p). A ilustração mostra a garotinha fazendo o que o texto diz que é proibido: brincando em frente à janela do quarto do avô com o guarda-chuva. Nas próximas vezes que a menina vai à casa dos avós, somente a vovó está e então ela pode brincar com o guarda-chuva debaixo da janela do avô. Pergunta pelo avô, mas ninguém responde e ao final ela compreende que “A casa da vovó, não era mais a casa do vovô.” (MOREYRA, 2008, sem p.), e vai embora levando o guarda-chuva do seu avô de presente.

O guarda-chuva do vovô, em que a história expõe o idoso com saúde fragilizada e ao mesmo tempo deixa claro que sua esposa, também idosa, não apresenta doenças aparentes, nesse sentido não trata a velhice com uma visão estereotipada, pois mostra que há idosos doentes e saudáveis (ROQUE et al, 2015, p. 1066).

Já o Livro 2 começa com a pergunta: “Mãe, por que o vovô não vem mais aqui em casa?”. No decorrer do livro notamos que o avô da menina já tinha falecido, mas ninguém contava isso a ela. O conteúdo do livro são as lembranças dos momentos que a menina passava com seu avô: “Quase todo domingo o vovô vinha aqui em casa. Acordava cedo e dava uma passadinha, dizendo que me levava emprestada para um passeio na praia.” (VENEZA, 1999, p.10). No começo do livro, quando a menina questiona a mãe sobre o avo, ela cita: “Ele já saiu do hospital, não saiu? Então porque não vem mais aqui?” (p.5), mas em nenhum momento na narrativa há o relato do avô estar doente, ou de alguma debilidade ou dependência que ele tinha. Pelo contrário mostra-se um avô forte que passeava na praia todos os domingos, ia ao cinema e assistia futebol. Era um avô independente: “O pessoal lá de casa vivia pegando no pé dele pra ir morar com a gente, mas ele insistia em ir morar sozinho.” (VENEZA, 1999, p.7).

Este livro possui um texto mais desenvolvido e sua estrutura basicamente é uma sucessão de explicações evasivas, por parte da família, à pergunta da menina: - Por que o vovô não vem mais aqui em casa? A menina recebe uma resposta diferente cada vez que faz a pergunta: o vovô foi fazer uma viagem muito longa, vovô viajou de trem, viajou de avião, foi para o céu... “Ao ouvir as respostas, a menina esperta vai formulando contrarrespostas a si mesma, elaborando inferências a ponto de concluir: “Entrei na sala e fui explicar a eles que, de verdade mesmo, meu avô tinha morrido”.” (VENEZA, 2012, p.11). O autor deste livro utilizou-se de um tratamento direto, mas ao mesmo tempo poético para explicar algo difícil de entender: a morte.

[...] a figura de avôs e avós tende a ser vista como privilegiada no imaginário das pessoas, pois é comum lembrarem-se dos avós com boas lembranças. Em paralelo, encontra-se nos avós o sentimento de amor incomensurável e, muitas vezes, relatado como sendo maior do que o amor pelos próprios filhos. Os laços familiares são, portanto, mediados pelo afeto entre os envolvidos. Esse elo desenvolve atitudes de cooperação e cuidado por parte de avó e neto, evidenciando uma reciprocidade entre as gerações. (ROQUE et al, 2015, p. 1069).

O avô do Livro 3 era independente: “Meu avô trabalhava. Conhecia os segredos da homeopatia. Guardava dentro de uma mala de couro muitos vidros cheios de bolinhas brancas - O olho de vidro do meu avô” (QUEIRÓS, 2009, p. 34). Contava histórias: “Meu avô gostava de histórias de assombrações e parecia manter um pacto com elas.” (QUEIRÓS, 2009, p. 36). E até mesmo a bengala que usava era um acessório para lhe dar elegância: “Andava leve como os gatos em cima dos muros.” (QUEIRÓS, 2009, p.33).

Coelho (2000) destaca que um dos motivos dos contos populares terem se tornado em sua maioria Literatura Infantojuvenil é porque eles estabelecem relações com o outro por meio da sensibilidade, dos sentidos e emoções. Ela também afirma que “[...] na criança, o conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo e da intuição... e não através do racional ou da inteligência intelectual como acontece com a mente adulta e culta.” (p.41). Outra questão que a autora levanta é que a Literatura Infantojuvenil deve auxiliar a criança e o adolescente no processo de amadurecimento entre a infância e a idade adulta.

A mesma autora ainda ressalta que a Literatura Infantojuvenil tem como função “[...] ora testemunhar a realidade representando-a diretamente pelo processo mimético, ora descobrir “o outro lado” dessa mesma realidade - o não imediatamente visível ou conhecido -, transfigurando-a pelo processo metafórico” (COELHO, 2000, p.52). Segundo Paiva (apud Silveira (2012)), de um total de 1.168 livros infantis apresentados para os anos iniciais do Ensino Fundamental pelo PNBE, em 2008 apenas 3% deste tratavam de assuntos delicados como a morte. Silveira, em seu artigo *Velhice e Morte na Literatura Para Crianças* (2012), diz que dentre os livros que trazem o tema morte em sua maioria trazem a morte de avós:

Embora fosse nosso intuito encontrar livros que abordassem a “morte de velhos” de forma geral, não localizamos qualquer título recente que abordasse tal tema e não estivesse conectado à morte dos avós, o que corrobora estudos anteriores e, efetivamente, se alinha à busca de estabelecimento de uma empatia com o leitor criança, que poderá “se enxergar” no personagem criança que se relaciona com o avô (SILVEIRA, 2012, p.5).

Quando se apresenta a morte nesses livros infantis, é possível notar que em ambos há uma evasão da família para falar sobre o assunto com a criança. “Corri para o quarto, mas o vovô não tinha chegado. Perguntei por ele e a vovó sorriu. E seus olhos ficaram pequenininhos. [...] Começou a chover e ela me deu um guarda-chuva. - O guarda-chuva do vovô! - eu falei. Mas ninguém disse nada.” (MOREYRA, 2008, s/p). Do mesmo modo, a neta do Livro 2 recebia respostas evasivas quando perguntava do avô. O mesmo só não acontece no Livro 3 por nesse caso a notícia da morte do avô chegar somente meses após seu desaparecimento.

A ressalva mais importante a se fazer é que coincidentemente nas três obras aqui analisadas os avós (masculino) são os personagens principais, os três livros falam sobre a morte do avô e as lembranças que ele deixou e também os três livros são narrados pelos netos. É importante ressaltar também que os três avós eram diferentes, e a história foi constituída

levando em consideração a individualidade da vida de cada personagem, não havendo nestes casos generalizações ou características estereotipadas.

Compreende-se através das três histórias que os avós são ou eram parte importante da família e da vida dos netos. A eles os netos tratam com carinho: “Chegava perto dele passando pelo lado cego e o abraçava” (QUEIRÓS, 2009, p.15), têm admiração: “Meu avô era superlegal.” (VENEZA, 1999, p.7), têm orgulho: “Cego é aquele que não quer ver. Ele via tudo.” (QUEIRÓS, 2009, p.7), têm saudades: “[...] eu e a saudade do meu avô” (VENEZA, 1999, p.21) e aprenderam muito: “Muita gente não gosta quando chove...Mas eu fico feliz.” (MOREYRA, 2008, sem p.). Ainda sobre a relação entre avós e netos Silveira afirma que ela: “[...] é sempre de companheirismo, alegria, compreensão e, até, ternura. Trata-se de uma interação apresentada de forma positiva, que às vezes preenche a maior parte do texto” (SILVEIRA, 2012, p.6).

Por se tratarem de memórias, a condensação é um recurso muito utilizado. Na condensação, o narrador resume em algumas linhas ou páginas ocorrências que se reproduziram por um longo período de tempo (COELHO, 2000, p.81). E, por causa disso, muitos aspectos da vida dos avós e dos netos dessas histórias foram deixados de lado, cabendo ao leitor tirar suas próprias conclusões para várias situações suprimidas do texto, como por exemplo, a doença dos avós, o motivo da morte, o olhar do restante da família, entre outros.

Todaro (2013) no capítulo do livro *Literatura infantil e juvenil: abordagens múltiplas*, cujo tema abordado é a questão do envelhecimento, idealiza que os livros infantis devem conter um conceito de envelhecimento que seja tratado como “[...] processo universal e gradual de mudanças morfológicas, funcionais, intelectuais, sociais e psicológicas, cuja velocidade e resultados finais dependem das condições e das experiências de vida de cada indivíduo e de cada geração” (TODARO, 2013, p.33). Ou seja, cada idoso é diferente do outro e nem todos os idosos são doentes, solitários, sabem cozinhar bem, andam de bengala, guardam memória da família, gostam de coisas antigas etc.

A mesma autora destaca cinco categorias de imagem sobre velhice e idosos encontradas em livros infantis sendo elas: estereotipadas, realistas, fantásticas, divertidas, e de “novos velhos”. Aqui, essas cinco categorias não serão discutidas aprofundadamente, pois, poderão ser mais bem especificadas em um trabalho futuro envolvendo esse tema.

A seguir, encontram-se resumidas as principais características de como o tema idoso foi tratado nas obras estudadas:

LIVRO 1 <i>O guarda-chuva do vovô</i>	LIVRO 2 <i>Vovô foi viajar</i>	LIVRO 3 <i>O olho de vidro do meu avô</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Não trabalham • O avô está doente • A avó cozinha bem • Ilustrações típicas de avós • O avô é ranzinza • O avô morre • A avó é bondosa • A avó é saudável 	<ul style="list-style-type: none"> • Avô mora sozinho • Conta histórias do passado • Independente da família • Forte: saía para fazer caminhadas na praia • Ia ao cinema • Avô morre 	<ul style="list-style-type: none"> • Avô usa bengala, mas ela é objeto de elegância • Tem uma cadeira de balanço • Pensa muito sobre o passado • Guarda coisas antigas • A avó faz bordado e cozinha bem • Avô trabalha, conhece os segredos da homeopatia • Faz caminhadas • Avô morre • Avó fica deprimida.

Quadro 2: A representação da imagem do idoso nos livros infantis analisados.
Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Através do quadro acima podemos identificar que ainda são muito presentes imagens estereotipadas nos livros analisados, porém são poucas se consideradas a que nem todos os idosos do livro possuíam a mesma imagem. As imagens de “novos velhos” estão presentes nas três obras, mostrando que há idosos saudáveis, que trabalham, praticam esportes e são independentes. Por exemplo, a avó do Livro 1, é saudável; o avô do Livro 2 vai à praia, é independente; e também o avô do Livro 3 que, além de ser independente, faz caminhadas todos os dias e ainda trabalha.

Uma das questões mais importantes para serem observadas é que, independente da narrativa, os três avós morrem no fim, mesmo quando falar da morte não é o principal

objetivo, como é caso do Livro 3. No Livro 1, a morte do avô é metaforizada como se fosse um “encolhimento”, por fim o avô morre e a avó fica. No Livro 2, que não possui citação de uma avó - deixa em aberto que talvez ela já tenha falecido - a morte do avô é metaforizada em uma viagem. Já no Livro 3, que é cheio de metáforas, a morte do avô não é metaforizada, o avô sai e não volta, depois é encontrado morto, mas a avó fica viva.

Nos livros analisados destaca-se a importância da figura de um avô dentro da família. Dentro destes livros a imagem do avô é construída através do companheirismo, amizade entre avô e neto (a), a bondade, a ternura e por fim a saudade que eles deixam quando se vão.

Conclui-se, portanto que a identidade do idoso continua com características estereotipadas, nas obras estudadas, porém já com mudanças e adequações que trazem o idoso mais presente e participativo nas questões da família. A maneira como o idoso é apresentado está cada vez mais condizente com os “padrões” exigidos atualmente. Principalmente no que está previsto na legislação, levando-se em consideração os direitos estabelecidos no *Estatuto do idoso*.

Por fim, percebe-se que as obras estudadas passam por uma visão de um avô, quase em sua totalidade, agradável e sem preconceitos, trazendo cada vez mais para o dia-a-dia das crianças questões que devem ser por elas repensadas. É o caso das relações interpessoais e interfamiliares vinculadas aos idosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma análise comparativa de três obras da Literatura Infantojuvenil brasileira contemporânea, distribuídas pelo PNBE entre 2008 e 2010, sendo elas: *O Guarda-chuva do vovô*, *Vovô foi Viajar* e *O olho de vidro do meu avô*. Para isso foi necessário trazer um estudo para compreender os conceitos de Literatura Infantojuvenil e sua história do seu surgimento até a atualidade.

Com este estudo foi possível notar a evolução da Literatura Infantojuvenil, sendo que os enredos das histórias infantis foram criados de acordo com os padrões de cada época e era muito comum antigamente e até metade do século passado que os idosos fossem representados por seres feios, malvados ou estereotipados em avós bonzinhos, sábios, muitas vezes solitários, incapazes e doentes que muitas vezes não tinham grande valor para a história. A imagem do idoso transmitida pela Literatura em geral, mas principalmente pela Literatura Infantojuvenil foi, por muito tempo, estigmatizada e preconceituosa.

Com a mudança ocorrida na Literatura Infantojuvenil na década de 1970, novos valores foram inseridos e os antigos métodos do fazer literário para crianças foram repensados. Dessa forma buscou-se cada vez mais inserir novos valores nas narrativas. Ainda assim, muitos estigmas continuaram sendo reproduzidos. Em 2001 com a aprovação do *Estatuto do Idoso*, mais livros surgiram com personagens idosos que são constituídos de maneira individual, minimizando assim os estereótipos típicos dados aos idosos nas histórias infantis tradicionais.

Os livros analisados constituem uma visão do idoso como indivíduos com personalidade e ênfase na variabilidade em oposição à crença de que todos os idosos são iguais. Nos livros, há avós doentes e saudáveis, que trabalham e que não trabalham, que contam histórias e que não contam, que são bonzinhos e que são sérios. Apesar de alguns traços ainda presentes de imagens estereotipadas dos avós e idosos a construção principal que caracteriza a identidade do idoso nos três livros de Literatura Infantojuvenil analisados é a de experiência, sabedoria, amor e o respeito e carinho dos netos pelos avós.

Este estudo agrega novas informações sobre a Literatura Infantojuvenil e o tema Idoso e suas peculiaridades. Espera-se que essa pesquisa estimule a publicação de novos livros com personagens idosos nas mais diversas situações possíveis a eles, tendo em vista a importância desse tema principalmente na Literatura Infantojuvenil. Estima-se também que o trabalho aqui apresentado suscite novas pesquisas neste tema ainda pouco explorado na academia: o idoso e a literatura.

REFERÊNCIAS

- APRESENTAÇÃO. *Fundo Nacional de desenvolvimento da educação*. 2012. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- BARTOLOMEU Campos de Queirós para adultos. *Carta Capital*. 2012. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental-arquivo/bartolomeu-campos-de-queiros-para-adultos>> Acesso em 15 de Nov de 2015.
- BASSO, Cíntia. M. A literatura infantil nos primeiros anos escolares e a pedagogia de projetos. *Revista Linguagens & cidadania*. UFMS. ed. 6. Dez. 2001. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm>. Acesso em: 18 de mar de 2015.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. -1. ed., 2.^a reimpr.- Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 68p.
- CADERMATORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CAGNETI, Sueli de Souza. *Livro que te quero livre*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
- CAROLINA Moreyra. *Zahar*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.zahar.com.br/autor/carolina-moreyra>>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- CLARET, Martins. A história do livro e a coleção “A Obra-prima de cada autor”. In: _____.ESOPO. *Fábulas*. 2. Ed. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret Ltda. 2010.
- COELHO, Nelly N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1985.
- _____. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- CONFORT, Alex. *A boa idade*. São Paulo: Difel. 1979.
- COSTA, Marta M. *Metodologia do ensino da literatura infantil*. 20. ed. Curitiba: Ibpe, 2007.
- CUNHA, Maria A A. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 2006.
- D’ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.
- FEEBA, Berta Lúcia Tagliari. *A leitura e o leitor do livro do Olho de Vidro do meu avô de Bartolomeu de Campos Queirós*. UNIESPE-FAPEPE: São Paulo. Sem ano. 7 p. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15674739-A-leitura-e-o-leitor-do-livro-o-olho-de-vidro-do-meu-avo-de-bartolomeu-campos-de-queiros.html>> Acesso em 04 de Ago de 2016.

FERNANDES, Célia R. D. Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. UFGD: Dourados. In:_____. *Educação & Realidade*: Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1089-1112, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade >Acesso em 20 ago de 2016.

FERNANDES, Célia R. G; CORDEIRO, Maisa B. S. Os critérios de avaliação e seleção do PNBE: um estudo diacrônico. In:_____. *Educação*: Porto Alegre. v 35, n.3, p. 319-328, set/dez, 2012.

LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.

LEME, Luiz E.G. “Quem gosta de velho é reumatismo!”. In:_____. *12 faces do preconceito*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2013. Disponível em:<https://books.google.com.br/books?id=5dJnAwAAQBAJ&pg=PT31&dq=quem+gosta+de+velho+%C3%A9+reumatismo&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjH15_NvvHLAhVDhpAKHU-tDtOQ6AEIQDAC#v=onepage&q=quem%20gosta%20de%20velho%20%C3%A9%20reumatismo&f=false>. Acesso em 03 de Abr de 2016.

KHÉDE, Sonia S. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2.ed. São Paulo: Ática. 1990.

NOSELLA, Maria de Lourdes C. D. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. 5 ed. Moraes: São Paulo, 1979.

MOREYRA, Carolina. *O guarda-chuva do vovô*. Ilustrações Odilon Moraes. São Paulo: DCL. 2008.

PAULINAS, editora. *Maurício Veneza Biografia*. São Paulo. Sem ano. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores_ilustradores&action=detalhes&autor=101440 >Acesso em 9 de Nov de 2016.

PNBE na escola : literatura fora da caixa / *Ministério da Educação* ; elaborada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

PORTARIA, 1395/GM – *Política de Saúde do Idoso*. Brasília: 1999. Disponível em: https://www.ufrgs.br/3idade/?page_id=117> Acesso em: 28 de out de 2016.

QUEIRÓS, Bartolomeu C. *O olho de vidro do meu avô*. São Paulo: Uno educação, 2009.

RAMOS, Anne. C. Os avós na literatura infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. UNI.LU: Luxemburgo. In:_____. *Educação & Realidade*: Porto Alegre. v. 40, n 1, p.191-295, jan./mar. 2015. Disponível em:< http://www.ufrgs.br/edu_realidade >Acesso em 20 de ago de 2016.

REVISTA, Livros Abertos. *O guarda-chuva do vovô* (Carolina Moreyra e Odilon Moraes). Nov. 2015. Disponível em: <<http://www.revistalivrosabertos.org/single-post/2015/11/18/O-guardachuva-do-vov%C3%B4-Carolina-Moreyra-e-Odilon-Moraes> >Acesso em 08 de Out de 2016.

ROQUE, Piveta F. Et. Al. A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso vinculada por livros infanto-juvenis. In:_____. *Saúde Soc.* São Paulo, v.24, n.3, p.1061-1075, 2015.

SILVA, Aline L. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico da atualidade. In:_____. *Regard: Revista eletrônica de graduação da UNIVEM* 2009. v.2. n.2. dez 2009. Disponível em: <<http://revista.univem.edu.br/index.php/REGRAD/article/viewFile/234/239>.> Acesso em: 01 de Ago de 2016.

SILVEIRA, Rosa. M. H. *Velhice e morte na literatura para crianças*: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas. IX ANPED sul. Seminário de pesquisa em educação da região sul. 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Alfabetizacao, Leitura e Escrita/Trabalho/05_08_08_2977-6606-1-PB.pdf> Acesso em 31 de Ago de 2016.

TODARO, Mônica A. A literatura infantil e as práticas educativas no contexto do envelhecimento. In:_____. *Literatura infantil e juvenil*: Abordagens múltiplas. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p.21- 42.

VERNEZA, Maurício. *Vovô foi viajar*. 2. ed. Belo Horizonte: Compor, 1999.